



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



## NOMOFOBIA: O MEDO DE FICAR DESCONECTADO

Área temática: Comunicação

Nome do Autor: Ednilson Gomes Matias<sup>1</sup>

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL)

### Resumo

O objetivo do Projeto de Extensão “Nomofobia: o medo de ficar desconectado” é conscientizar os jovens da cidade de Penedo - AL sobre as consequências sociais e ambientais do uso indevido dos dispositivos eletrônicos. As atividades do Projeto (rodas de conversa, dinâmicas de grupo etc.) instigam a reflexão crítica dos jovens sobre a preponderância do virtual sobre o real nas relações sociais na atualidade.

**Palavras-chave:** Tecnologia; relações sociais; cultura.

### 1. Introdução

O termo “nomofobia” se origina do inglês “no mobile phobia” (“aversão a ficar sem aparelho de telefonia móvel”) e designa o desconforto causado pela incapacidade de comunicação através de dispositivos eletrônicos, tais como, smartphones, computadores, tablets etc. O Projeto de Extensão “Nomofobia: o medo de ficar desconectado” (executado em 2015 e aprovado em 2016 na seleção de Projetos de Extensão do Instituto Federal de Alagoas) trata de duas questões de fundamental importância nos dias atuais, a saber: a) o uso excessivo de aparelhos de telefonia móvel pelos jovens e a aversão que os mesmos têm de ficar “desconectados” e b) os malefícios ao meio ambiente resultantes do descarte indevido dos aparelhos eletrônicos e de seus componentes.

<sup>1</sup> Professor de Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL - *Campus Penedo*).



# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Em primeiro lugar, intenta-se estabelecer uma relação entre o saber popular (resultante da experiência da comunidade na utilização dos dispositivos eletrônicos) e o saber acadêmico (proveniente da pesquisa sobre o tema realizada pelos proponentes do Projeto). Em segundo lugar, pretende-se favorecer o desenvolvimento sustentável com a elaboração de um programa de coleta seletiva do “lixo eletrônico”. Em suma, o Projeto “Nomofobia” trata das consequências sociais e ambientais do uso indevido/excessivo dos dispositivos eletrônicos.

O Projeto de Extensão “Nomofobia” é composto por um Coordenador/Orientador, quatro estudantes do IFAL (dois bolsistas e dois voluntários) e quarenta participantes da comunidade de Penedo (estudantes da Escola Estadual Dr. Alcides Andrade) e é realizado em duas etapas.

Na primeira etapa é feita uma pesquisa bibliográfica e de campo (coleta de dados nas escolas) sobre os temas propostos: a) dependência de celulares, b) alternativas de uso da internet para fins educacionais, c) consequências ambientais do descarte indevido do lixo eletrônico e d) alternativas de descarte de lixo eletrônico.

A segunda etapa consiste na elaboração de material (folhetos informativos, questionários, pôsteres, apresentações multimídia etc.) e no desenvolvimento das atividades nas escolas (palestras com apresentação do material elaborado, rodas de conversas, discussões sobre os temas estudados, sugestão de sites e de aplicativos educacionais etc.).

A carga horária semanal (12h) é dividida da seguinte maneira: i) 4h por semana de estudo (com ou sem a orientação do Coordenador/Orientador do Projeto); ii) 4h por semana de elaboração de material; iii) 4h por semana de atividades nas escolas.

As atividades do Projeto “Nomofobia” possibilitam: 1) promover a popularização do conhecimento acerca da nomofobia; 2) conscientizar os jovens sobre os malefícios do uso contínuo desses aparelhos eletrônicos; 3) apresentar formas alternativas de uso desses dispositivos e da internet voltadas para a educação; 4) conscientizar sobre os malefícios ao meio ambiente causados pelo descarte inadequado de aparelhos.

ISBN: 978-85-93416-00-2





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



## Filosofia da Tecnologia

A questão da *nomofobia* está inserida numa área mais abrangente desenvolvida a partir da segunda metade do século XX, a saber, a Filosofia da Tecnologia. Na obra *Filosofia da Tecnologia: um convite*, Alberto Cupani (2013, p. 13-14) apresenta uma definição provisória de tecnologia enquanto “um domínio de objetos ou sistema de objetos mais ou menos complexos”. Essa definição é progressivamente desenvolvida no texto a partir das concepções de diversos filósofos contemporâneos que trataram desse tema, dentre as quais podemos citar (CUPANI, 2013, p. 13-14): “uma forma de conhecimento humano” endereçada a “criar uma realidade conforme nossos propósitos” (SKOLIMOWSKI, 1983); “conhecimento que funciona” (JARVIE, 1983); “implementações práticas da inteligência” (FERRÉ, 1995); “colocação da Natureza à disposição do homem como recurso” (HEIDEGGER, 1997); “o campo de conhecimento relativo [...] à realização, operação, ajustamento, manutenção e monitoramento [de artefatos]” (BUNGE, 1985); “a totalidade dos métodos a que se chega racionalmente e que têm eficiência absoluta [...] em todo campo de atividade humana” (ELLUL, 1964).

Além dessas definições, há ainda a diferença entre “técnica” e “tecnologia”. A técnica consiste em um saber-fazer conforme a intuição, ou seja, é uma atividade prática que enfatiza a ação (por exemplo: tocar um instrumento musical). Já a tecnologia consiste num saber teórico aplicado conforme regras e, portanto, enfatiza o artefato (por exemplo: uso ou manutenção de uma máquina). Uma vez estabelecida essa diferença, emerge uma questão central: os produtos da tecnologia trazem benefícios ou malefícios à vida humana? A resposta a essa questão passa pelo modo de utilização da tecnologia pelas pessoas, o qual pode interferir positiva ou negativamente nas suas vidas. Nos dias atuais, a tecnologia está presente em nosso cotidiano de uma forma tão próxima que adquirimos uma espécie de “mentalidade tecnológica”, a partir da qual buscamos economizar tempo e esforço, controlar o futuro, “programar” nossas atividades etc.

ISBN: 978-85-93416-00-2





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

## Modos de manifestação da tecnologia

A tecnologia se manifesta em quatro dimensões: a) na forma de objetos; b) na forma de conhecimento; c) na forma de atividade humana e d) na forma de volição.

A tecnologia se manifesta a) na forma de objetos (CUPANI, 2013, p. 18-19) na medida em que compreende “todos os artefatos materiais fabricados pelo homem”: roupas; utensílios; estruturas (por exemplo: moradias); utilidades (pontes, estradas, redes elétricas etc.); ferramentas (instrumentos operados manualmente); máquinas (ferramentas que exigem a condução humana, por exemplo: furadeira, moinho etc.); autômatos (máquinas automatizadas, por exemplo: ar condicionado); ferramentas “para executar” (letras, números, instrumentos musicais); artefatos “para contemplar” (obras de arte) etc.

A tecnologia se manifesta b) na forma de conhecimento (CUPANI, 2013, p. 20) no sentido de que “a produção e o uso de artefatos implicam maneiras específicas de conhecer o mundo material”. A partir dessa concepção, é possível destacar quatro formas do conhecimento tecnológico: 1. Habilidades sensório motoras: adquiridas através da prática (p. ex.: usar ferramentas, armas etc.); 2. Máximas técnicas: expressam como fazer para ter bons resultados (p. ex.: “para ter um bom resultado nas provas, é bom estudar”); 3. Regras tecnológicas: leis científicas para produzir e usar artefatos (p. ex.: “para transformar a água em gelo, deve-se fazer com que a sua temperatura chegue a 0 °C”); 4. Teorias tecnológicas: compreender e justificar a produção e o uso (p. ex., teorias sobre o voo de aviões).

A tecnologia se manifesta c) na forma de atividade humana (CUPANI, 2013, p. 21) de modo que “o conhecimento e a volição [determinação da vontade] se unem para colocar em existência [produzir] artefatos ou para usá-los”. A atividade tecnológica pode se relacionar tanto com a produção quanto com o uso dos artefatos tecnológicos. A atividade tecnológica relacionada à produção (ações) diz respeito à aquisição de uma nova habilidade, à invenção e ao projetar algo. O pressuposto dessa concepção é conseguir os melhores resultados com o mínimo de esforço. Já a atividade tecnológica relacionada ao uso (processos) diz respeito a manufaturar, trabalhar, operar e manter os artefatos tecnológicos. O uso da tecnologia pressupõe: 1. uma função técnica (um artefato para

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



Apoio





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

disparar projéteis); 2. um propósito (um revólver para matar animais, se defender etc.); 3. uma utilização efetiva (disparar o revólver em determinadas circunstâncias).

A tecnologia se manifesta d) na forma de volição [vontade] (CUPANI, 2013, p. 23-24), ou seja, enquanto “manifestação de determinada atitude ou propósito do homem na sua relação com a realidade”. A volição pode ser caracterizada de diferentes modos: “como vontade de sobreviver, como vontade de controle ou poder, como vontade de liberdade, como procura da eficiência, como ambição de realizar um ideal humano”. Cupani (2013, p. 24) supõe uma intenção subjetiva e uma intenção objetiva na utilização da tecnologia. De acordo com uma intenção subjetiva de uma tecnologia, “a motivação da pessoa se conecta com a produção, o uso e o conhecimento dos artefatos”. De acordo com uma intenção objetiva de uma tecnologia, “independentemente de nosso propósito circunstancial, um revólver foi feito para ferir ou matar”.

Cupani (2013, p. 25-31) sustenta que a tecnologia se relaciona com as diversas áreas da Filosofia. A ontologia (metafísica) destaca a pergunta pelo Ser ou pela essência da tecnologia: “a tecnologia é uma ‘coisa’ ou um processo?”. A epistemologia trata do saber produzido pela tecnologia: “qual a diferença entre ciência e tecnologia?”. A estética questiona a beleza dos objetos tecnológicos: “qual a diferença entre a beleza tecnológica e a natural?”. A ética e a política discutem as consequências das produções tecnológicas na sociedade e na natureza, a questão da justiça, da liberdade etc.: “os novos produtos tecnológicos beneficiam a quem?”.

Há pelo menos duas tradições em Filosofia da Tecnologia, a dos “tecnólogos” e a dos “humanistas” (CUPANI, 2013, p. 29). A tradição dos “tecnólogos” (engenheiros, cientistas, inventores) questiona e julga os assuntos humanos a partir de critérios e paradigmas tecnológicos. A tradição dos “humanistas” (filósofos, sociólogos, historiadores) investiga o significado da tecnologia e a possibilidade de adequação desta aos assuntos humanos.

ISBN: 978-85-93416-00-2





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

## Filosofia da Tecnologia de José Ortega y Gasset

O Filósofo espanhol José Ortega y Gasset, a partir da noção de raciovitalismo, afirma que a razão, sem prejuízo da sua objetividade, responde às necessidades vitais. Para ele, viver é a necessidade originária (ORTEGA, 1965, p. 17 apud. CUPANI, 2011, p. 33-34). Quando os meios essenciais para sobrevivência não estão disponíveis na natureza, o ser humano modifica a natureza. Ele faz fogo para se aquecer, faz abrigo para morar, faz agricultura ou caça para se alimentar. Ou seja, a necessidade de preservação da própria vida faz com que os seres busquem superar as dificuldades e modificar o meio em que vivem.

A técnica é compreendida por Ortega y Gasset como o conjunto de procedimentos que nos permitem obter o que não há na natureza. Portanto, não é uma adaptação do sujeito ao meio, mas sim uma adaptação do meio ao sujeito. Isso significa que a técnica é um tipo de esforço para poupar esforço, uma reação contra as imposições que a natureza faz ao ser humano. No entanto, essa reforma (modificação) que o homem impõe à natureza visa, por um lado, satisfazer (e anular) suas necessidades e, por outro, produzir o supérfluo. Uma vez garantidas as condições necessárias para sua sobrevivência, o ser humano passa a buscar suas condições contingentes: entretenimento, cultura, arte etc. Isso ocorre por que embora a manutenção da própria vida seja primordial, o modo como essa vida vai ser mantida também é importante. Por isso, Ortega y Gasset considera viver bem como uma das principais necessidades: “o homem não quer apenas viver, mas viver bem. O homem aspira ao ‘bem estar’. Esta é, afirma Ortega y Gasset, a necessidade das necessidades” (CUPANI, 2011, p. 35). Visto que nem sempre a natureza oferece os meios necessários para a garantia da sobrevivência, o ser humano é obrigado a modificar a natureza, a fabricar artefatos que supram suas necessidades, a produzir. Uma vez que é necessário produzir algo, faz-se necessário compreender o processo que permite essa produção. Disso surge a necessidade de se desenvolver a intelectualidade para o planejamento dessa produção. Por esse motivo, Ortega y Gasset (ORTEGA, 1965, p. 46 apud. CUPANI, 2011, p. 36) afirma que a vida “é produção, fabricação, e apenas porque essas últimas o exigem, ela é pensamento, teoria e ciência”.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização



Patrocínio



Apoio





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Ortega y Gasset apresenta uma espécie de periodização da técnica, dividida em: técnica do acaso (pré-história), técnica do artesão (idades antiga e média) e técnica do técnico (a partir do século XX).

A técnica do acaso (pré-história), desenvolvida na pré-história, consiste no domínio de técnicas simples por povos primitivos de uma comunidade. Aquele que domina uma técnica produz uma situação que dá um resultado novo e útil. Nesse caso, a “invenção” não é vista como produção do homem, mas como um poder que a natureza dá ao homem.

Na técnica do artesão (idades antiga e média), compreende-se que uma técnica (ou arte) é aprendida dentro de uma tradição (repetição). As atividades técnicas são vistas como habilidades de certos homens: os artesãos. Estes desenvolvem a produção de instrumentos, não de máquinas e, desse modo, o artesão é ao mesmo tempo o técnico e o operário.

A técnica do técnico (a partir do século XX) compreende a consciência da “técnica” como fonte de ilimitadas atividades humanas. Aqui a técnica se embasa na ciência e tem como resultado o tecnicismo, ou seja, um método intelectual que opera na criação da técnica. Dentro dessa perspectiva, abrem-se aos seres humanos diversas possibilidades de superação da natureza, realização, de sobrevivência etc. O problema é que nem todas essas possibilidades são realizadas e, nesse sentido, a técnica faz com que a vida se torne vazia: o homem pode ser tudo e ao mesmo tempo não é nada.

## Filosofia da Tecnologia de Martin Heidegger

O filósofo alemão Martin Heidegger, em sua obra “A questão da técnica”, apresenta o modo de pensar técnico enquanto instrumento pensado como causa que origina um efeito, que faz com que algo apareça. Ele diferencia o produzir da Natureza do produzir humano: o primeiro é o produzir a partir de si mesmo e o segundo é o produzir a partir de outro (que faz algo surgir).

Para Heidegger, técnica é a colocação da Natureza à disposição do homem como recurso, é um “desafiar” a Natureza para que ela se apresente como algo disponível para o ser humano. Deste modo, dominar uma técnica é colocar a Natureza na situação de obter o

ISBN: 978-85-93416-00-2





# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

máximo proveito com o mínimo de despesa. Tudo quanto é “tocado” pela técnica se transforma em algo disponível para fins humanos. Na técnica o próprio homem é desafiado a desafiar a Natureza. Ao mesmo tempo, o próprio homem se reduz a algo disponível (p. ex. o material de doentes numa clínica). Por outro lado, o ser humano se impõe diante da Natureza, ele toma tudo o que existe na Natureza como algo disponível para a satisfação de suas necessidades.

A relação entre a ciência e a técnica existe na medida em que a ciência moderna põe a Natureza como um conjunto de forças que podem ser calculadas. No entanto, parece haver uma autonomia da técnica, no sentido de que ela parece estar para além da vontade humana. Por um lado, o ser humano faz acontecer a imposição à natureza e, por outro lado, a imposição à natureza acontece ao ser humano. Mas isso proporciona um perigo da técnica para o ser humano. Tudo, inclusive o ser humano, corre o risco de se reduzir à mera subsistência (um recurso meramente disponível). A salvação do ser humano diante da técnica (tecnologia) acontece na medida em que essa só é possível por conta do ser humano e de sua liberdade: é possível impor limites à atitude técnica. De acordo com Heidegger (apud CUPANI, 2011, p. 48), “o fazer humano nunca pode [...] banir esse perigo. Mas, [...] pode refletir sobre o fato de que tudo o que salva necessita de uma essência superior à do perigo, embora ao mesmo tempo a ela aparentada”.

## 2. Considerações Finais

É preciso repensarmos a utilização das novas tecnologias e suas consequências, pois a ação humana, tecnologicamente potencializada, pode danificar irreversivelmente a natureza e o próprio ser humano. Neste sentido, o Projeto “Nomofobia” é extremamente importante para a formação acadêmica, profissional e social dos(as) extensionistas e dos(as) estudantes participantes, na medida em que promove a conscientização a respeito do uso de aparelhos eletrônicos que, em excesso, pode causar dependência, desfoque no estudo e no convívio social.

Para a comunidade de Penedo, principalmente para os jovens, o Projeto “Nomofobia” é relevante visto que não intenta apenas apontar os problemas dessas novas

ISBN: 978-85-93416-00-2







# 7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

tecnologias, mas também busca repensar a utilização desses dispositivos e sugerir possíveis soluções para os problemas citados. Portanto, o Projeto “Nomofobia”, ao tratar de um tema discutido a nível mundial, a saber, a questão da tecnologia a partir das perspectivas social e ambiental, busca compreender e intervir na realidade social da comunidade de Penedo - AL.

### 3. Referências

CUPANI, Alberto. **Filosofia da Tecnologia: um convite**, 2. ed., Florianópolis - SC: Ed. da UFSC, 2013.

\_\_\_\_\_. A tecnologia como problema: três enfoques, **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 493-518, 2004.

MITCHAM, Carl. Os desafios colocados pela tecnologia à responsabilidade ética, **Análise Social**, v. xli (181), 1127-1141, 2006.

NEDER, Ricardo. (org.) **A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**, Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010.

SILVA, Kamilla Avila da. **Hi Tech: um estudo sobre mídia e comportamento**, 2011, 58p. Monografia - UFRGS, Porto Alegre - RS.

ISBN: 978-85-93416-00-2

